



FONTE: ASSESSORIA

## **Fabio Jatene**

*PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR E PROFESSOR TITULAR DE CIRURGIA TORÁCICA DO INSTITUTO DO CORAÇÃO (INCOR)*

# “O Brasil é muito dependente de produtos médicos importados”

*As novas tecnologias são instrumentos importantes, efetivos e dão agilidade ao processo de diagnóstico e tratamento, mas a incorporação é lenta pelo alto custo, diz o professor Jatene*

“A incorporação de novas tecnologias – sejam medicamentos, dispositivos ou equipamentos – de boa qualidade, a baixo custo e em tempo real tem sido uma das grandes deficiências da saúde brasileira. Essas tecnologias, geralmente importadas, são instrumentos efetivos e dão agilidade aos processos de diagnóstico e tratamento, mas não é raro os centros de saúde do País terem acesso

a elas apenas quando já estão ultrapassadas pelas suas novas gerações, ficando sempre defasados em relação a outros sistemas de saúde mundo afora.

Boa parte desse problema decorre do alto custo de aquisição dessas novas tecnologias, principalmente, quando se compara com o poder de financiamento do Brasil, seja privado ou público. Mesmo quem está na saúde suplementar brasileira tem um investimento per capita na saúde muito menor do que a média nos países desenvolvidos. E o gasto per capita anual na saúde privada brasileira, das pessoas que têm convênios com seguros e planos de saúde, é aproximadamente quatro vezes maior que o da saúde pública porque os problemas de financiamento do governo são reais.

As restrições orçamentárias, no entanto, não podem ser razão de tudo. É necessário criar o conceito de que as novas tecnologias podem e devem conviver com a atuação médica primária, com soluções mais simples, mais básicas de atendimento da saúde. Elas têm de caminhar paralelas. Não é necessário adotar uma tecnologia caríssima em detrimento de assistência básica, mas também não se pode ignorar o desenvolvimento porque é caro, moderno, um avanço. O Brasil pode tentar incorporar os novos produtos de maneira inteligente e otimizada. Eles não precisam estar disponíveis em todos os lugares, mas em centros de referência, em locais com uma boa distribuição geográfica para que um maior número de pessoas tenha acesso. É preciso buscar caminhos para isso.

O Brasil é muito dependente de produtos médicos importados, de medicamentos a insumos e aparelhos de diagnóstico, como os de ressonância magnética. Participar mais intensamente das pesquisas de desenvolvimento de novos produtos pode ajudar a assegurar o ingresso mais rapidamente no País, e sem custos para os centros que farão parte dos estudos, do que se está produzindo de mais avançado no mundo. No entanto, é muito morosa a aprovação de protocolos de pesquisas por parte das autoridades reguladoras do sistema de saúde. As comissões são lentas, demoram na tomada de decisão e, muitas vezes, as pesquisas terminam e os centros hospitalares brasileiros não sabem ao menos se a resposta foi sim ou não. A saída é comprar o equipamento quando houver recursos.

Uma participação mais ativa no processo de pesquisa e desenvolvimento de produtos seria importante também para uma solução, de longo prazo, mais definitiva para o

problema: a nacionalização de parte dessas novas tecnologias, o que as tornaria mais acessíveis de ponto de vista econômico. O desenvolvimento local requer conhecimento e expertise, garantidos pelos estudos. Na área de equipamentos, além da redução de custo promover uma maior inserção dos novos produtos na saúde, a produção nacional ainda facilita a reposição de peças, manutenção e assistência técnica.

Para que a nacionalização ocorra, entretanto, incentivos públicos são bem-vindos em muitos aspectos. A indústria, toda vez que se propõe a fazer alguma coisa, está implícito que precisa de retorno do investimento, até para a sobrevivência da companhia. Ela gasta, mas precisa vender e lucrar para continuar a se desenvolver. E um dos problemas é exatamente esse. Às vezes, os equipamentos são de mercado restrito, o que, com muita frequência, não motiva as empresas a investir. Não existe uma fórmula mágica para resolver essas questões, mas certamente é preciso olhar esses problemas com mais atenção.”